

COMITÉ DE INVESTIGAÇÃO CORONA - PARTE 17 | POR JOCHEN MITSCHKA

Posted on 20. November 2020

Insulto à realeza ou julgamento necessário?

Um ponto de vista de Jochen Mitschka.

Continuamos com a cobertura da 9ª reunião do Comité Corona "The Role of the Media" (1) com a parte 3, voltamos às reuniões 7 e 8 mais tarde, quando os vídeos bloqueados pelo YouTube estiverem novamente disponíveis noutros canais.

Depois do jornalista e psicólogo alemão Patrick Plaga, que vive actualmente na Suécia, falou o Prof. Michael Meyen, que analisa a situação dos meios de comunicação social na crise a partir de uma perspectiva sociológica e histórica. Aqui está a continuação da sua audição.

Prof. Dr. Michael Meyen

O Dr. Füllmich perguntou então o que aconteceria se fosse confirmado que os testes PCR não revelam nada sobre as infecções actuais, e por exemplo, se fosse determinado por um tribunal que os números oficiais e pelos meios de comunicação social para a manifestação em Berlim a 1 de Agosto eram completamente falsos.

O Prof. Meyen pensa que a Corona só iria intensificar o que tem sido observado durante 20 anos. As primeiras dúvidas teriam surgido após os relatórios sobre o 11 de Setembro. Então a política de informação no salvamento do banco teria sido questionada, depois os relatórios sobre a Grécia e a Ucrânia, ou os relatórios sobre a Alemanha Oriental.

Como antigo cidadão da RDA, ele sabia como as pessoas ali pensavam e como ficariam insatisfeitas com os relatórios.

A confiança na instituição dos meios de comunicação social seria abalada de qualquer forma. Dificilmente se poderia esperar uma autocrítica, como o exemplo da curva de 180° no caso da obrigação de usar máscaras demonstraria. Os seus estudantes tinham tentado encontrar uma autocrítica dos meios de comunicação utilizando o exemplo da reportagem da NSU, mas excepto em casos individuais, não tinham sido bem sucedidos. Os meios de comunicação social iriam simplesmente mudar a reportagem, saltar para

um comboio diferente, e fingir que não havia mais nada.

Ele tem a certeza de que isto também se aplicará ao relatório no caso da Corona. Os jornalistas tomam o seu rumo a partir de fontes oficiais, assumem-no e ponto final.

O Dr. Füllmich disse que alguns jornalistas, no entanto, tinham ido tão longe da janela que dificilmente sairiam incólumes da situação. O Prof. Meyen respondeu que o jornalismo será sempre capaz de apresentar exemplos positivos, folhas de figo, que sempre foram capazes de representar a outra opinião. Mas será excitante ver se isto irá funcionar em todos os casos desta vez.

A ascensão dos meios de comunicação alternativos só teria sido possível porque as diferentes opiniões só aí teriam sido representadas. Mas só quando o Comité Corona fosse mencionado nas notícias seria necessário lidar com ele. Os principais meios de comunicação social definem o que é a realidade. Enquanto o comité não for atacado, não será notado. Claro que o cenário alternativo está a crescer e a batalha pela soberania da interpretação não terminou finalmente, mas o resultado é ainda completamente incerto.

O Prof. Meyen explicou que a reportagem normalmente não "mentiria", mas apenas "interpretaria mal" e deixaria de fora coisas que eram importantes para a compreensão. Por conseguinte, o jornalismo poderia ficar de braços cruzados mesmo que o tempo mudasse e simplesmente relataria de forma diferente. Ele não espera grandes consequências mesmo para aqueles que, como disse Füllmich, teriam argumentado "com espuma na boca".

O Dr. Füllmich expressou a suposição de que não seria tão fácil para os jornalistas sair de certas questões-chave. O Prof. Meyen respondeu que estes jornalistas poderão sempre referir-se às "fontes oficiais". Também vê problemas sociais no facto de jornalistas que de repente estão tão próximos do poder começarem a questionar as figuras ou fontes oficiais. Porque a proximidade é um privilégio que eles têm, e eles farão tudo para manter esse privilégio.

Depois referiu-se ao facto de que as pessoas na RDA tinham muitas vezes acreditado no Estado, mas quão rapidamente essa fé tinha então desmoronado. As pessoas com estas experiências provavelmente

achariam mais fácil duvidar de fontes oficiais ainda hoje. Mas se tiver sido socializado nesta vida e, uma vez que tudo está a correr bem, não tem razões para mudar nada, evitará a qualquer custo a dúvida.

O Prof. Meyen explicou que está em curso um projecto de investigação sobre a forma como o consumidor normal dos meios de comunicação social imagina a organização dos mesmos. E que este modelo muito provavelmente se desviará fundamentalmente da forma como os peritos e os políticos o imaginam.

A Sra. Fischer temia que as bolhas de informação se desenvolvessem cada vez mais, nas quais as pessoas se informassem nos principais meios de comunicação, por um lado, e nos meios de comunicação "alternativos", por outro, para que a divisão da sociedade se tornasse cada vez maior.

O Prof. Meyer salientou então que os jornalistas também estão dependentes de ter uma realidade explicada pela sociedade. E como há exemplos suficientes do que acontece a pessoas como polícias, desportistas ou cientistas que fogem do conformismo e depois temem pela sua subsistência, infelizmente não há muitos que se atrevem a fugir. E pode-se imaginar que os jornalistas sem este contributo social também têm dificuldades em representar uma posição contrária à narrativa oficial, ou em dar espaço a esta posição.

O Dr. Füllmich questionou então os resultados da pesquisa de opinião oficial e citou como exemplo o fracasso total antes da eleição de Trump nos EUA. O Prof. Meyer confirmou que a investigação social empírica também está em crise. Por um lado, as pessoas que já não confiam nas instituições deixariam simplesmente de participar. Por outro lado, poder-se-ia influenciar os resultados formulando as perguntas. Além disso, os meios de comunicação social ainda interpretariam os resultados.

O Prof. Meyer explicou então que a caixa de ressonância, o campo de ensaio para a política, que é criada pelo "pequeno público", ou seja, pela aproximação de pessoas que se sinalizam verbalmente e não verbalmente, como pensam, teria sido drasticamente restringida pela obrigação de usar máscaras. "Já não apanho mais as coisas, já não ouço ninguém a falar". A esfera pública, ou seja, o espaço que deveria mediar entre os cidadãos e a política, seria virtualmente abolida pela obrigação de usar máscaras. O uso de uma máscara impediria os cidadãos de poderem comunicar uns com os outros. É claro que se poderia trocar

ideias com amigos e conhecidos, mas naturalmente que estão em situações e opiniões semelhantes. O factor decisivo seria que a comunicação acidental com estranhos seria eliminada.

O Dr. Füllmich salientou que não só na Holanda, mas também na China, todos os cidadãos podem mesmo clicar em qualquer processo judicial e observá-lo a partir de casa. Apelou a uma discussão sobre se tais transmissões e armazenamento não seriam úteis para criar transparência e disciplinar os envolvidos no processo.

O Dr. Wodarg assinalou que "a câmara" já estava instalada no Parlamento e os cidadãos podiam ter acesso a todas as discussões. Mas isto só iria criar um grande palco para apresentações. As decisões propriamente ditas seriam tomadas nos comités, e a forma como as decisões aí eram tomadas não seria registada. A câmara no Parlamento seria um álibi para a "publicidade", enquanto as decisões importantes seriam transferidas para os bastidores.

O Prof. Meyen disse que, enquanto políticos, se está ansioso por obter legitimidade para as suas próprias acções através dos meios de comunicação social, porque os políticos dependem da obtenção da aceitação dos eleitores. Markus Söder ter-se-ia voluntariado na Bayerischer Rundfunk, ele sabia o que fazia os jornalistas vibrar, e não foi por acaso que ele se tornou uma figura tão dominante na crise. Ele teria dominado melhor a claviatura do sistema dos media do que os seus concorrentes.

A Sra. Fischer referiu-se a um estudo da Universidade de Erfurt. Isto teria mesmo feito recomendações para "histórias", que foram recomendadas a fim de aumentar novamente a aceitação desmoronada na população para as medidas governamentais. O Prof. Meyer trouxe de novo à baila o termo "conspiração de responsabilidade". Ele descreve que os cientistas e jornalistas sentem a responsabilidade de apoiar as medidas do governo. Eles acreditam que são responsáveis por isto devido à sua educação e papel na sociedade.

Como resultado, os cientistas deixariam de se limitar a analisar, e os jornalistas deixariam de se limitar a relatar, mas tornar-se-iam um partido de opinião.

Além disso, o Prof. Meyer disse, após uma pergunta do Dr. Füllmich, que a proximidade dos meios de comunicação social com a política seria, naturalmente, um grande problema. Porque só à distância poderia ser formulado um relatório razoavelmente objectivo. A política também "compraria" proximidade através de notícias exclusivas. Um "alimenta" certos jornalistas com notícias que outros simplesmente não têm, e pode-se assim "comprar" boa vontade para o próximo caso em que não se esteja tão bem posicionado.

Professor Johannes Ludwig

Um recém-chegado à audiência foi o cientista de comunicação Johannes Ludwig, que está particularmente preocupado com as ligações entre os meios de comunicação, como a Sra. Fischer observou. Explicou então que os meios de comunicação social ficariam em primeiro lugar em duas pernas. Uma seria a questão de quão grande é a liberdade da investigação. Numa comparação internacional, a Alemanha estaria lá muito bem colocada. A segunda parte seria a base económica. A questão seria como seriam financiados os meios de comunicação social para cobrir os custos da investigação.

Por razões históricas, existem meios de comunicação "ricos", como Spiegel, disse ele. Em termos das exigências financeiras, Spiegel teria teoricamente todas as possibilidades de realizar qualquer investigação. Mas é sempre necessário manter dois níveis separados. Por um lado, os sistemas, como se definem a si próprios, que auto-imagem têm. Por outro lado, o nível dos actores.

No caso dos sistemas, existe o CMI e a televisão privada. Os privados são financiados pela publicidade, pelo que têm de prestar enorme atenção aos seus "clientes". Com o CMI, seria mais complicado, e certamente não transparente. Os conselhos de rádio, que supostamente reflectem a população, são em princípio apenas representantes da política, igrejas e outras instituições, e isto é determinado pela sua liderança. Mas não seria realmente uma secção transversal da população.

No sector da impressão ainda haveria cerca de 300 "títulos" diferentes. Mas ou seriam agrupados em grandes associações económicas, ou, entretanto, a maioria deles seria dotada de "gabinetes editoriais centrais". Depois há os meios de comunicação social nacionais como Süddeutsche, ou Welt, FAZ, etc. Teriam outra reclamação.

Os meios de comunicação supra-regionais seriam mais propensos a escrever sobre corrupção no ambiente dos jornais regionais, por exemplo, do que os jornais regionais, que teriam uma certa proximidade e dependência de informação das instituições estatais regionais. Mas mesmo que fosse esse o caso, haveria cerca de 60 reportagens por ano que competiriam por um prémio de imprensa diário. Durante 15 anos, ele teria trabalhado com os seus alunos nestas histórias. E teve de contradizer a opinião de que a imprensa local já não faria investigação. Havia mesmo histórias que desencadeariam uma reacção bastante grande e fariam a República "tremar".

Como exemplo, ele mencionou a questão do abuso sexual de crianças. O Berliner Morgenpost teve pela primeira vez acontecimentos que teriam então feito ondas cada vez maiores.

Nos meios de comunicação social locais, seria costume os jornalistas fazerem investigação no seu tempo livre, porque sabiam que só podiam convencer o chefe da redacção a encomendar uma reportagem com factos.

O grande mistério agora também para ele seria a razão pela qual, no caso da Corona, ninguém faria perguntas decisivas. Descobriu que na Alemanha cerca de 2600 pessoas morriam todos os dias. Isto afectaria cerca de 600 pessoas que morreriam de cancro, enquanto que desde Março, um total de cerca de 70 pessoas seriam contadas como mortes na Corona. O que seria um pouco mais do que a gripe normal, onde se poderia contar com 60 mortes. Mas nenhum meio relata esta discrepância de 600 mortes por cancro diariamente e 70 mortes por corona desde Março.

Se dois Airbus colidissem e 600 pessoas morressem, este seria o único evento mediático para todos os meios de comunicação social. Porque é assim, perguntou-se a si próprio, porque é que certas coisas são consideradas "normais", tal como as mortes por gripe durante muitos anos, mas depois, de repente, todos falam da Corona.

Provavelmente seriam os principais meios de comunicação social que teriam uma influência gigantesca sobre ele. Infelizmente, ninguém nos meios de comunicação oficiais se pergunta em voz alta como tornar mais visíveis os espaços livres que existem. Os espaços livres provavelmente não estão a ser utilizados

porque na maioria dos casos os relatórios que utilizam espaços livres simplesmente desaparecem.

Haveria desequilíbrios estruturais que levariam a que certos tópicos simplesmente se aprofundassem, e que por outro lado certos tópicos determinariam a nossa percepção e as nossas vidas. Os principais meios de comunicação social dariam o tom por diferentes razões e todos correriam atrás deles. Em vez de procurar problemas, os jornalistas concentrar-se-iam em relatar aquilo em que os outros estão a trabalhar, com receio de que, de outra forma, a sua reportagem se "aprofundasse" simplesmente.

"Como podemos assegurar que os jornalistas que trabalham em certos sistemas tenham essa liberdade (...) e que isso seja depois também percebido pelos meios de comunicação social?"

Acrescentou que neste momento os erros de percepção dos media são simplesmente transmitidos ao público através dos media. Quando questionado, explicou que ainda ninguém podia responder porque é que a corona reporting está a dominar todo o mundo dos media e porque é que outros tópicos estão a desaparecer. No entanto, não seria novidade que certas hypes fossem criadas, relatando espirais em que todos se sentariam. Tal como no CMI, onde o espelho seria aberto na segunda-feira para determinar o que precisa de ser relatado.

Haveria uma espécie de pressão para se apegar a questões. O New York Times, com 1500 jornalistas, tinha saltado para a ribalta depois do 11 de Setembro de que era tempo de ir para a guerra com o Afeganistão, e teria levado dois anos para que o próprio NYT percebesse que estava sentado num mecanismo que não tinha reconhecido antecipadamente, até perceber que se tinha deixado dominar por um estado de espírito geral em vez de fazer o seu trabalho e investigação.

Como outro exemplo, citou a reportagem sobre a Guerra do Vietname na Alemanha. No caso da Corona, há muito poucas pessoas neste momento que fariam perguntas críticas. Estes teriam lugar quase exclusivamente fora dos meios de comunicação oficiais, nos canais do YouTube, nas redes sociais, ou em sites pouco notados. Estes não teriam qualquer alcance, e as pessoas manter-se-iam fiéis aos principais meios de comunicação social porque sentem que lhes falta algo. E isso seria um erro estrutural no sistema de comunicação social alemão.

Mas o Dr. Füllmich mencionou então os nomes dos cientistas e peritos que teriam "saído do esconderijo" logo no início, mas sem que os meios de comunicação social os tivessem abordado seriamente. E ninguém na comunicação social tinha feito nada quando o Dr. Wodarg foi deliberadamente caluniado.

Em resposta, o Prof. Ludwig disse que se tinha de olhar para os actores e para as estruturas em que eles vivem. Ele explicou os contratos de trabalho precários. Muitos não se atrevem a pôr os seus pensamentos no papel porque temem pela sua existência económica e social, explicou. Claro que isto só se aplica a quem tem tempo e recursos, principalmente jornalistas no CMI. Mas existem os mecanismos de dependência completamente não transparentes de que quase ninguém fala, o que levaria ao conformismo.

O Prof. Ludwig observou que o serviço público de radiodifusão estaria de facto idealmente equipado para realizar jornalismo de investigação, devido aos seus recursos financeiros e possibilidades de investigação. Mas apenas em teoria.

Falou depois das estruturas e dependências, das influências indirectas. Mas depois também explicou que produções maiores no CMI também teriam tempos de espera relativamente longos. Ter-se-ia de contar com pelo menos um ano. Se olhasse para Monitor ou Panorama, veria principalmente pequenos relatórios de 6-8 minutos. Se estiver empregado directamente, como no sector público, e, portanto, virtualmente não-terminável, então estes jornalistas poderiam nadar contra as narrativas actuais e questionar as narrativas. Mas eles simplesmente não o fariam, porque seria mais fácil, mais conveniente, não atrair a atenção.

Por outro lado, haveria muitos jornalistas freelance que tentariam fazer as perguntas certas sob dificuldades consideráveis, por vezes com o risco da sua existência económica. Na realidade, deveriam estar a trabalhar no CMI em vez daqueles que vêem o seu trabalho como uma salvaguarda conveniente e já têm uma mentalidade de funcionários públicos. Mas isto provavelmente não se realizaria sem uma maior influência dos consumidores dos meios de comunicação social, dos cidadãos afectados pelos meios de comunicação social, nunca.

Mas uma tal evolução não seria previsível. As pessoas comuns a quem os meios de comunicação social são dirigidos não reflectiriam o suficiente sobre a forma como os meios de comunicação social funcionam. E

também não estariam dispostos a pagar o que esse jornalismo custa como despesa. Embora todos saibam quão caras devem ser as linhas de produção das fábricas de automóveis, quase ninguém tem qualquer ideia das condições económicas dos meios de comunicação social, porque nunca o teriam realmente comunicado. Der Spiegel, relatou, uma vez calculado que a dispensa de publicidade aumentaria o custo de uma emissão de cinco euros para onze a doze euros.

Quando perguntado pelo Dr. Füllmich em que medida as contribuições financeiras, tais como as feitas pela Fundação Gates aos meios de comunicação social, influenciam a reportagem, o Prof. Ludwig respondeu que só se sabia o que era oficialmente anunciado. As quantidades que se tornassem conhecidas seriam comparativamente pequenas. Mencionou então que um meio de blogue tinha perguntado ao Spiegel sobre os pagamentos da Fundação Gates como parte de um projecto de investigação. Der Spiegel admitiu então que estava a fazer um projecto em conjunto com a Fundação Gates. Mesmo que a quantia fosse pequena, significava que se tinha de comunicar com o doador a um nível amigável.

"Quando em dúvida, mesmo que não o admita a si próprio, significa também que está sempre numa dependência algures".

O Dr. Füllmich perguntou se a combinação de estar demasiado próximo e depois ter ligações financeiras era um grande problema para os meios de comunicação social. O Professor Ludwig confirmou isto e explicou a proximidade formal e a perigosa proximidade informal. Os juízes dão palestras, tem uma cerveja, estas não seriam necessariamente as coisas que podem construir tais dependências mútuas.

Perspectivas

No próximo resumo, discutiremos outros aspectos da razão pela qual os meios de comunicação social na crise da Corona se vêem a si próprios como defensores da política governamental, e concluiremos a entrevista do Prof.

Fontes:

(1) <https://youtu.be/Q11xjqRwWhk>

+++

Graças ao autor pelo direito de publicar.

+++

Fonte da imagem: OvalMedia

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK